



**CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

ORLANDO OLIVEIRA DA SILVA

**Teoria e Prática na formação do professor de História: uma análise de um
Estágio Supervisionado**

GUARABIRA – PB

2014

ORLANDO OLIVEIRA DA SILVA

**Teoria e Prática na formação do professor de História: uma análise de um Estágio
Supervisionado**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em História, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em História.

Orientadora: Prof^ª. Ma. Luciana Calissi

GUARABIRA – PB

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586t Silva, Orlando Oliveira da
Teoria e prática na formação do professor de história: uma
análise de um estágio supervisionado [manuscrito] : / Orlando
Oliveira Da Silva. - 2014.
28 p. : il. color.

Digitado.
Relatório de Estágio Supervisionado (Graduação em História)
- Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades,
2014.
"Orientação: Luciana Calissi, Departamento de Educação".

1. Estágio Supervisionado. 2. Ensino de História. 3. Sala de
aula. I. Título.

21. ed. CDD 981

ORLANDO OLIVEIRA DA SILVA

**Teoria e Prática na formação do professor de História: uma análise de um Estágio
Supervisionado**

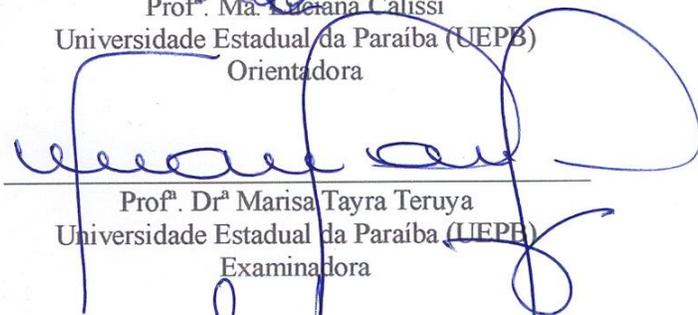
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Graduação em História, da
Universidade Estadual da Paraíba, como
requisito parcial à obtenção do título de
Licenciado em História.

Aprovado em: 03/12/2014.

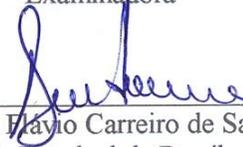
BANCA EXAMINADORA



Prof.^a Ma. Luciana Calissi
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)
Orientadora



Prof.^a Dr.^a Marisa Tayra Teruya
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)
Examinadora



Prof.^a Dr. Flavio Carreiro de Santana
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)
Examinador

Ao meu pai Antônio, à minha mãe Veralúcia, aos
meus irmãos Alexsandro e Thiago, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me dado forças em todos os momentos.

À minha família pelo incentivo e apoio.

À turma de História 2011.1 tarde, pelos anos de convívio e aprendizado que construímos juntos.

A todos os professores do curso de História do Centro de Humanidades que contribuíram para minha formação.

Em especial a Prof^a. Ma. Luciana Calissi, pela paciência, compreensão e orientação, tornando possível a conclusão deste trabalho.

RESUMO

Este artigo faz uma reflexão acerca da formação do professor de História, a partir das nossas experiências durante o período do Estágio Supervisionado (oficina e regência), realizado no C. E. Raul de Freitas Mousinho e na E.E.E.F.M. Prof. José Soares de Carvalho, respectivamente. Para isso, discutimos os acertos e erros durante esse percurso acadêmico, que nos proporcionou uma aprendizagem significativa, para nossa formação enquanto estagiário e futuro docente de História. Serão consideradas também as aprendizagens e as reflexões vividas na Universidade, as quais foram postas em prática durante o período de estágio, atentando para as novas formas de trabalharmos o conteúdo em sala de aula, de modo que desperte o interesse dos alunos pelo conhecimento histórico.

PALAVRAS-CHAVE: Estágio Supervisionado. Ensino de História. Sala de aula.

SUMÁRIO

Introdução.....	7
O Estágio Supervisionado e sua importância para o licenciando em História	8
As escolas onde atuamos.....	13
Relato da oficina	14
Relato da Regência	18
Contribuição e reflexão sobre o Estágio Supervisionado	21
Considerações finais	24
REFERÊNCIAS	25
APÊNDICE	27

Introdução

O Estágio Supervisionado apresenta-se como um elo primordial para o aprendizado do jovem formando do curso de licenciatura em História. Dessa maneira, é preciso fazermos uma relação dos aprendizados adquiridos durante a graduação, em especial nas aulas de prática de ensino, e como usá-los de forma adequada em sala de aula, de uma maneira que desperte o interesses dos alunos.

Dessa forma, destacamos a relação teoria e prática como elemento indissociável na construção de conhecimentos mais significativos para o ensino e o aprendizado dos estudantes, assim como as novas possibilidades de trabalharmos o conhecimento histórico em sala de aula.

Pensamos o estágio como um momento de tentarmos estabelecer uma prática de intermediação entre teoria e prática e como forma de transformação do conhecimento histórico para os estudantes e como instrumento de renovação no ambiente escolar.

Dessa maneira, há que se ter um novo olhar, voltado para a reflexão do ensino como uma oportunidade de enxergar na educação a construção de uma sociedade mais igualitária.

Diante disso, abordaremos a importância do professor como interlocutor principal do processo de ensino-aprendizagem, o qual pode contribuir de forma efetiva para a formação de seus alunos.

Para isso, consideramos as aprendizagens e as reflexões vividas na universidade e durante o período do Estágio, atentando para as novas formas de trabalharmos os conteúdos em sala de aula de modo que desperte ainda mais o interesse dos alunos pelas aulas de História.

Ressaltamos a importância do professor no desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem, sempre tentando proporcionar aos estudantes, um ensino de qualidade, que seja prazeroso, instigante e desperte o interesse e a curiosidade pelas aulas de História.

Com esse intuito, o presente trabalho trilhará pelo caminho do estágio, relacionando as experiências, reflexões e aprendizados vivenciados durante a oficina e regência, realizadas, respectivamente, nos colégios: C. E. Raul de Freitas Mousinho e E.E.E.F.M. Prof. José Soares de Carvalho, na cidade de Guarabira-PB.

O Estágio Supervisionado e sua importância para o licenciando em História

Durante todo o período da graduação tivemos como objetivo o enfoque nas relações entre os conhecimentos aprendidos na academia e como eles poderiam ajudar-nos a pensar o conhecimento histórico em sala de aula, inclusive durante o período de estágio, tanto na elaboração das oficinas quanto na hora da regência.

Acreditamos que a grande problemática enfrentada no Estágio Supervisionado é a de como repassar os conhecimentos adquiridos na academia e transmiti-los ou reelaborá-los em sala de aula de modo que ative o interesse dos alunos. Dessa forma, o estágio foi um instrumento onde pudemos vivenciar e refletir sobre essa prática.

Percebemos que é preciso que busquemos trabalhar em sala de aula com novas formas de abordar o conteúdo, para que ele ao mesmo tempo seja de fácil compreensão e faça parte do cotidiano dos estudantes. Para isto, músicas, HQs, jogos eletrônicos, entre outras que façam parte do universo dos alunos são instrumentos que podem ajudar na metodologia do professor. Além disto, uma abordagem mais próxima dos alunos também é importante.

Como bem estudado nas aulas de prática de ensino com os professores da área, que trabalharam questões como as mencionadas acima, esses instrumentos são alternativas para problematizar o conhecimento histórico em sala de aula. Sendo assim, podemos discutir a importância desses como elementos capazes de despertar o interesse dos alunos pelas aulas de história.

Dessa maneira, a procura por novas formas de instigar a participação e o prazer dos jovens, principalmente no ensino fundamental, gera uma grande preocupação, devido ao fato desses jovens terem a responsabilidade de dar continuidade a tarefa de construir e pensar um país mais justo e igualitário, pois consideramos que a educação, também através da escola, é uma forma de democratização social, é uma boa educação que possibilita a construção da cidadania. Daí a preocupação de como está se passando a educação desses jovens. Por isso, consideramos como de fundamental importância essa experiência vivida na academia, que deve ser repensada para as salas de aulas de maneira a proporcionar uma aula que ao mesmo tempo em que provoque a curiosidade ao que está sendo proposto, também seja algo que desperte neles o prazer de viver esse processo de ensino-aprendizagem, assim:

O uso das ditas linguagens alternativas, como é o caso da música, pode instigar o aluno a ler diversos textos que o interpelam cotidianamente, além de configurar-se como um canal de comunicação viável e prazeroso entre

professores e alunos, do que os recursos tradicionalmente usados uma vez que, músicas, pinturas, jogos eletrônicos, HQs, fazem parte da cultura juvenil. (NUNES & TERUYA, 2010. p. 215)

Como mencionado acima, vemos no uso desses instrumentos uma oportunidade de entrar e fazer parte do “mundo” dos alunos, para assim construirmos uma relação de parceria que proporcione a construção de um aprendizado mais significativo.

Foi exatamente isso o que ocorreu, durante o período do estágio, onde foi possível percebermos que a forma tradicional do professor ministrar o seu conteúdo não desperta o interesse, nem ativa a curiosidade e o desejo dos alunos pela aula e menos ainda pela disciplina história. Portanto, ressaltamos o auxílio desses instrumentos como forma de melhorar o processo de ensino-aprendizagem e fazer com que os estudantes passem a ter um novo olhar sobre o ensino de história.

Dessa forma, é preciso atentarmos para as questões que enfrenta e passa a escola hoje, e o porquê dos jovens estudantes desprezarem a disciplina de história, como apresentado e discutido por NUNES & TERUYA, onde enfatiza que:

O desprezo dos estudantes pela história, enquanto um componente curricular está, em parte, relacionado às questões vinculadas aos conteúdos e as metodologias, que não tem atentado (ou conseguido proporcionar) para experiências de ensino que mobilizem os seus interesses e que considere o universo em que os alunos estão inseridos, e que é perpassado por narrativas cotidianas, imagens, sons, música, movimentos e a presença marcante da cultura midiática. (NUNES & TERUYA, 2010. p. 215)

Questões como essas devem ser bem compreendidas e analisadas, fazer com que os professores de um modo em geral possam considerar a escola como um espaço onde os alunos tenham vontade e desejo de estar presente na sala, com todo o entusiasmo e ímpeto de aprender, e assim poder quebrar com o grande problema que diz respeito à história, onde a grande maioria dos estudantes a veem como insignificante, como longe do seu espaço cotidiano.

Nessa perspectiva, é relevante demonstrarmos que é a partir do estágio que se tem uma percepção de como está a educação em nossa região e talvez no Brasil, e principalmente como se apresenta a relação entre professor e aluno, de História, dentro da sala de aula, nos lugares onde estivemos presentes. Portanto, temos através do estágio, uma oportunidade de lançarmos um olhar crítico, reflexivo e analítico do processo ensino-aprendizagem.

Atualmente, estando concluindo a graduação em história, notamos o quanto foram importantes e fundamentais as aulas de prática de ensino para a realização do estágio, pois,

nessas aulas é que fizemos outras leituras sobre ensino de História, aprendemos as diversas formas de como trabalhar as várias técnicas e metodologias, ou seja, uma série de planejamento e organização que nos auxiliaram na hora da aplicação desses conhecimentos e técnicas na sala de aula. Luckesi afirma que “o ato de planejar, em nosso país, principalmente na educação, tem sido considerado como uma atividade sem significado, ou seja, os professores estão muito preocupados com os roteiros bem elaborados e esquecem-se do aperfeiçoamento do ato político do planejamento.” (LUCKESI, 2001. p. 106).

Assim sendo, é necessário refletirmos sobre o ato de planejar e sobre a necessidade de cada vez mais considerarmos a realidade e o cotidiano dos alunos, facilitando assim o desenvolvimento do ensino e conseqüentemente da aprendizagem.

Dessa maneira, o professor deve fazer uma reflexão crítica de sua atuação em sala de aula: Será que estamos construindo com os alunos o assunto de forma adequada? Será que nossos alunos estão compreendendo bem nossa maneira de lecionar ou é preciso refazer a maneira de como trabalhamos em sala? Procurando sempre perceber se os alunos estão compreendendo bem o que se ensina ou se é preciso fazer mudanças para que o objetivo do ensino-aprendizagem seja alcançado.

Durante o estágio foi possível percebermos o quanto requer cuidado e reflexão esse aspecto que envolve teoria e prática na formação do professor, esse aspecto não pode está dissociado um do outro, e sim devem complementar-se, tendo como prerrogativa o desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem que deve sempre colocar o aprendizado dos alunos como requisito primordial desse processo.

No entanto, durante o estágio notamos que se não aplicado devidamente, teoria e prática acabam por transformarem-se em algo distinto e desvinculado uma da outra. Por exemplo, quando na perspectiva de levar o conhecimento apreendido na universidade para o espaço escolar, é necessário percebermos que ao sair do espaço acadêmico e entrarmos no espaço escolar esse conhecimento requer novas abordagens e maneiras de serem disseminados. Mas nem tudo isto é feito de forma eficaz.

Ressaltamos também, que no estágio muitas vezes há uma grande preocupação, tanto de professores como dos próprios estagiários, da necessidade do cumprimento da carga horária, como também da obtenção da aprovação. Dessa maneira, se não tomarmos o devido cuidado com o nosso compromisso pela educação, corremos o risco de o estágio transformar-se em uma mera imitação do modelo já preexistente nas escolas, como apontado por Pimenta e Lima:

O estágio, nessa perspectiva, reduz-se a observar os professores em aula e imitar esses modelos, sem proceder a uma análise crítica fundamental teoricamente e legitimada na realidade social em que o ensino se processa. Assim a observação imita a sala de aula, sem análise do contexto escolar, e espera-se do estagiário a elaboração e execução de “aulas-modelos. (PIMENTA & LIMA, 2011. p. 36).

Nesse sentido, consideramos que o estágio deve estar mais ligado com a realidade em que se insere, como um elemento capaz de refletir sobre a realidade na qual atua, problematizando e refletindo sobre sua prática dentro do contexto onde se concretiza. Deve, portanto servir como um instrumento norteador na busca pela construção de uma identidade própria, ou seja, que caminhos devemos trilhar para que sejamos capazes de proporcionar realmente uma construção do conhecimento de forma efetiva.

Por isso, acreditamos que o estágio deve ir além da mera formalidade de preenchimento de fichas e elaboração de relatórios, para ser vinculado como um elemento transformador da realidade dos alunos, sendo um espaço de reflexão e pesquisa, onde o estagiário possa conduzir o seu processo de formação atentando cuidadosamente para a realidade da escola e dos próprios educandos.

Dessa maneira, é possível mergulharmos no mundo dos jovens estudantes e assim compreendê-lo, para dessa forma termos maior possibilidade de transformarmos o espaço da aula em algo que faça sentido para o aluno, que o conhecimento seja levado de forma prazerosa e que desperte o interesse desses estudantes, para isso o professor deve lançar mão de todos os meios que sejam possíveis para fazermos desse processo de ensino-aprendizagem algo que conste e faça parte da realidade dos alunos, conforme nas palavras de CAIMI.

O domínio dos conhecimentos históricos a ensinar pelo professor não é condição suficiente para garantir a aprendizagem dos alunos [...], ninguém ensina, qualificadamente, um conteúdo cujos fundamentos e relações desconhecem, também é possível supor que a aprendizagem poderá ficar menos qualificada, se o professor desconsiderar os pressupostos e os mecanismos com que os alunos contam para aprender e os contextos sociais em que estas aprendizagens se inserem. (CAIMI, 2006. p. 21).

Diante disso, acreditamos que não basta apenas termos os conhecimentos acadêmicos para nos tornarmos um bom professor, é preciso estabelecermos vínculos com os nossos alunos, conhecendo melhor o seu cotidiano, saber quais são os seus interesses, para aproveitarmos as experiências que possuem, buscando, dessa maneira, cada vez mais obter o seu interesse pelo saber histórico, fazendo com que se sintam parte integrante na construção do conhecimento.

Considerando que o professor é o principal interlocutor no processo da disseminação

da aprendizagem, é de fundamental importância pensar o estágio como um momento de buscarmos o aprimoramento profissional e também mantermos um diálogo efetivo entre os conhecimentos acadêmicos com a maneira que eles serão transmitidos aos alunos, assim como, seguirmos um caminho próprio que leve ao afloramento de uma identidade que seja orientadora da nossa prática docente, onde a mesma considere o espaço específico – social, econômico e cultural - ao qual está vinculada.

Foi ao longo do estágio, que será agora relatado, que percebemos tudo o que foi acima considerado. Esta experiência foi de extrema importância para analisarmos a questão da aprendizagem e a importância da História para o aluno do ensino básico, como também para nossa formação enquanto graduandos.

As escolas onde atuamos

Realizamos o estágio de oficina nos dias 13 e 20 de Maio, sendo que, no dia 13 ficou reservado para a exposição do projeto e o dia 20 para sua realização.

O estágio de oficina foi realizado no Centro Educacional Raul de Freitas Mousinho (CERFM), localizado na Rua Henrique Pacífico, 267, Bairro Primavera. Guarabira-PB. A Escola conta com 8 salas de aula, com aproximadamente 40 alunos por turma, funcionando nos três períodos. Conta com cantina, sala de diretoria, sala de professores, secretária, uma tímida biblioteca e uma sala com alguns computadores, porém não possui auditório. Possui os seguintes recursos: Data Show, DVDs e TVs.

Já o estágio de regência foi realizado na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor José Soares de Carvalho, localizado na Rua Henrique pacífico, 45, Bairro Primavera, Guarabira-PB, a qual possui uma área de aproximadamente 2 hectares. O colégio é dividido em 3 blocos, com 18 salas de aulas ao todo, um ginásio poliesportivo, uma quadra, cantina, refeitório, pátio com um espaço razoável, 6 banheiros masculino e 6 feminino, sendo 3 adaptados para portadores de necessidades especiais, além de contar com arquivo, almoxarifado, sala de direção, sala de professores, sala de EPA, de vídeo e laboratórios de informática.

O colégio é administrado por 3 gestores, sendo um diretor e dois vice- diretores, e um coordenador geral, no quadro de professores há 74 profissionais, sendo, a maioria efetivos. Atende aproximadamente 1800 alunos, divididos nos três turnos de funcionamento, indo do 7º ano do ensino fundamental ao 3º ano do ensino médio.

A Escola Estadual Prof. José Soares de Carvalho, dispõe de uma ótima estrutura, é espaçosa, tem um ambiente agradável e acolhedor para os alunos, dispõe de recursos que auxiliam no aprendizado dos estudantes, tais como: biblioteca, tablets, sala de computação e de vídeo. Já no Centro Educacional Raul de Freitas Mousinho a estrutura é mais acanhada, a biblioteca é antes de tudo um amontoado de livros guardado numa sala, não possui auditório e tem pouco espaço para a convivência dos alunos durante o intervalo. No entanto, destacamos que foi no C. E. Raul de Freitas Mousinho onde percebemos um maior interesse e envolvimento dos alunos – talvez devido ao maior tempo de convivência conosco.

Relato da oficina

Como dito, a oficina foi realizada no centro Educacional Raul de Freitas Mousinho, em uma turma de 7º ano, abrangendo uma faixa etária entre 12 e 14 anos, no período da tarde, formada por cerca de 35 alunos.

Tendo como assunto naquele momento era a comemoração dos 50 anos do golpe militar no Brasil, o tema sugerido para o estágio de oficina foi o da Ditadura Militar. Apresentamos a proposta para a professora titular da escola e ela prontamente aceitou. Nessa perspectiva, o enfoque do trabalho ficou sobre as mobilizações populares no período compreendido entre 1968 e 1978 espaço onde vigorou AI – 5, e compreendeu os governos militares de Costa e Silva (1967 - 1969) Médici (1969 - 1974) e Ernesto Geisel (1974 - 1978). Dentro desse enfoque pretendíamos estabelecer uma conexão entre esse período e os movimentos populares ocorridos em junho de 2013.

O tema abordado na oficina foi pensado a partir dos livros de: Sônia Regina de Mendonça & Virgínia Maria Fontes: *História do Brasil recente 1964- 1980* e de Gilberto Cotrim & Jaime Rodrigues, no livro *Saber e fazer História*. Além dos sites que abordavam o tema. A partir dessas referências, procuramos sintetizar os elementos que considerávamos mais significativos para ser transmitido aos alunos, como por exemplo: a questão da violência, a perseguição política, os movimentos contrários ao regime e as manifestações que reivindicavam pelos direitos usurpados naquele período.

Partindo dessa perspectiva, esperávamos que os alunos percebessem as mudanças e permanências das lutas sociais, assim como a importância que cada indivíduo como atores e protagonistas da história.

Com o enfoque nas manifestações populares no período de (1968 – 1978), partimos de uma discussão onde a oficina tivesse o intuito de atender as expectativas de se trabalhar com essa temática, em uma turma de 7º ano do ensino fundamental. Portanto, a abordagem e a metodologia, foram direcionadas para que os estudantes se sentissem atraídos pelo tema e consequentemente participassem e interagissem com o assunto trabalhado.

Nesse contexto, verificamos que o tema, de uma maneira geral, mostrou-se de difícil compreensão, tendo em vista se tratar de um assunto que os alunos ainda não tinham visto e que normalmente só é abordado por volta do 9º ano do ensino fundamental, e no caso eram jovens do 7º ano, portanto, foi o primeiro contato deles com o tema, o que de certa maneira apresentou-se como um obstáculo que deveríamos contorná-lo.

Dessa forma, dentro desse contexto, resolvemos primeiro elaborar um roteiro onde a

exposição do tema se transformasse em fácil compreensão e ao mesmo tempo algo que desse prazer e que despertasse o interesse dos alunos. Sendo assim, ficou especificado que trabalharíamos o tema proposto cujo enfoque estaria nas mobilizações populares do período de (1968 – 1978), através de imagens, como também a utilização de Slides, tendo como objetivo sempre fazer uma conexão com os movimentos de junho de 2013.

Desejávamos averiguar os conhecimentos prévios dos alunos através das figuras e das imagens sobre as manifestações populares e assim com a apresentação desse material, avaliando num primeiro momento quais os significados eles conseguiriam identificar sobre esses movimentos sociais e o que as imagens representariam para eles, e posteriormente adentrarmos com a exposição e explicação do tema.

O que esperávamos por parte dos alunos ao final da oficina é que eles conseguissem perceber e entender a História como um elemento importante e necessário no seu cotidiano e se enxergassem como atores e protagonistas dessa história, que fossem capazes de relacionar as mudanças e permanências das lutas sociais como um mecanismo que possibilita a construção de suas reivindicações na procura por seus direitos.

Gostaríamos que ao final os estudantes participassem ativamente na construção de um conhecimento que fosse significativo e importante para o seu cotidiano, assim como também propor uma reflexão sobre os movimentos populares na ditadura militar com os protestos ocorridos em junho de 2013, a fim de que os alunos, de algum modo, fizessem a relação entre eles.

Dessa maneira, propusemos aos alunos que elaborassem seus próprios manifesto ou reivindicações através de cartazes e depois expusessem e falassem algo do que haviam aprendido, algo que eles entendessem como importante sobre o tema da oficina.

Tendo em vista o assunto abordado, acreditamos que os resultados podem ser entendidos como de regular para bom, partindo do ponto de que os alunos eram do sétimo ano e ainda não tinham estudado anteriormente sobre o período da Ditadura Militar. Notamos que inicialmente demonstraram um pouco de estranhamento, mas aos poucos foram se familiarizando, tendo em vista a correlação feita com os movimentos de junho que a maioria dos alunos já tinha ouvido falar ou tiveram contato através da internet e/ou TV.

É relevante destacarmos que apesar de toda complexidade do tema foi possível verificarmos que os alunos, de certo modo, conseguiram fazer uma conexão com os movimentos, pois, muitos partilharam e perceberam nos movimentos sociais a insatisfação das pessoas que procuravam e lutavam por melhorias nas suas vidas e a garantia de seus direitos, como saúde e educação, por exemplo.

Dessa forma, foi possível ver em seus cartazes a preocupação com que alguns colocaram em relação a temas como educação e saúde, outros voltaram-se mais preocupados e ressaltando a questão da violência nos movimentos, houve ainda aqueles que foram um pouco além e propuseram reivindicações relacionadas ao seu próprio contexto, dando destaque e enfocando alguns problemas que desejavam que melhorassem na sua própria Escola, como por exemplo: a infraestrutura da escola: onde há falta de espaço e salas são abafadas.

Ressaltamos que de certo modo todos conseguiram participar e produzir algo de relevante, expressando de alguma maneira o que entenderam e de como entenderam a proposta da oficina trabalhada. (ver apêndice).

Por outro lado, notamos que apesar de todos estarem envolvidos na produção dos cartazes, acredito que grande parte dos alunos não conseguiu estabelecer uma ponte entre os movimentos populares de (1968 – 1970) e os de junho de 2013, como por exemplo, as mudanças e permanências, o que de fato eles pretendiam e por que lutavam pondo em risco suas vidas, vejo que os estudantes mais compreenderam e relataram foi em direção ao aspecto da violência nesses movimentos, assim como a insatisfação contra os governos.

Acreditamos que tenha faltado de nossa parte, como estagiário e como futuro educador da área de história, trabalharmos mais o conteúdo e de uma forma que instigasse, provocasse e despertasse nos alunos a curiosidade e o interesse em relação ao assunto estudado, dessa maneira pensamos que seria uma estratégia que talvez garantisse uma melhor aprendizagem. Como, por exemplo, ter trabalhado mais com vídeos, filmes, charges e músicas.

Porém, apesar de tudo o que aconteceu: como a questão do tempo, do elevado contingente de alunos, do grau de complexidade do tema para se abordar com alunos do 7º ano do ensino fundamental, os resultados podem ser retratados com positividade, pois, apesar de tudo o que foi explicitado, acreditamos que os alunos tenham saído com conhecimentos significativos que possam ajudar de alguma forma no seu aprendizado e contribuído para que eles se relacionem melhor com os conteúdos e com a disciplina História.

Outra reflexão que podemos levar em consideração é em relação ao tema trabalhado sobre a Ditadura Militar em especial as mobilizações populares de (1968 – 1978). Hoje, após a oficina, acreditamos que poderíamos ter trabalhado outros temas, tendo em vista que o tema trabalhado não estava na grade curricular dos alunos, como também eles ainda não tinham estudado o tema em questão. Ou ainda, e mais importante, não foi possível conhecer previamente as pessoas da sala de aula, saber sobre seus interesses, perceber temas mais significativos, devido à forma como foi possível entrarmos na escola e na sala de aula. Além

disto, também tivemos as preocupações com o tempo não sendo possível efetivar essa mudança na temática.

Relato da Regência

As aulas da regência foram todas ministradas na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor José Soares de Carvalho, no dia 14 de novembro de 2013. É importante salientar que o estágio supervisionado obrigatório na regência foi realizado em dupla, dessa forma, tive a gentil companhia e colaboração da minha colega Josefa Soares.

Após as orientações da professora Luciana Calissi, seguimos para o colégio estadual onde estabelecemos um primeiro contato com a professora titular das turmas. A partir desse diálogo preliminar, ficou acordado que iniciáramos as primeiras aulas na quinta-feira no dia 07 de novembro, no 8º ano E, nos 3º e 4º horários.

Após conversa com a professora, ficou estabelecido que o conteúdo a ser ministrado abordaria a Europa no Século XIX, um capítulo do livro didático de Cláudio Vicentino, que é a base de suas aulas. A partir desse instante partimos para preparação do plano de aula, sendo que após orientações de nossa orientadora de estágio, decidimos aplicar uma breve introdução do conteúdo, atentando primeiramente para observarmos o nível de conhecimento inicial que encontraríamos na turma, para posteriormente dar ênfase ao assunto propriamente dito.

No entanto, devido a um imprevisto que “obrigou” a saída da professora regente mais cedo, não lecionamos nesse dia. Fomos ao colégio, mas, devido ao compromisso da professora, a aula foi dada por outra equipe de estagiários que também estavam sob sua tutela e com o mesmo assunto, só que estavam com uma turma diferente, sendo assim devido a esse imprevisto eles deram o primeiro e segundo horários que eram seus e o terceiro e quarto que seria o nosso horário, com o consentimento da professora. No entanto ela não nos comunicou o fato, desse modo comparecemos no dia e quando chegamos ficamos “a ver navios”, pois, ela já havia ido embora e a outra equipe estava ministrando a aula.

Dessa maneira, voltamos ao colégio na sexta-feira, para conversar e esclarecer o ocorrido com a professora, após o devido esclarecimento ficou combinado que voltaríamos na próxima quinta-feira, dia 14 de novembro, para dar uma revisão do assunto que não tínhamos ministrado e aplicar um exercício nas duas turmas: E e F.

Após ficar tudo remarcado elaboramos um novo plano de aula, só que agora baseado no que os estudantes haviam estudado na semana anterior. Portanto, no dia 14 de novembro, a regência finalmente ocorreu. Foram ministradas nesse dia as 4 aulas programadas, duas na turma do 8º ano E e duas no 8º ano F, no período da tarde.

A professora entrou na sala, fez a chamada e logo depois passou o comando para que

iniciássemos a aula. Primeiramente, após uma apresentação, distribuimos um pequeno texto sobre o tema: A Europa no Século XIX, para que os alunos fizessem uma releitura do que haviam estudado na aula anterior. Logo após a leitura do texto passamos a fazer algumas perguntas como forma de verificar o quanto eles estavam familiarizados com o conteúdo.

A turma do oitavo ano F demonstrou um bom conhecimento a respeito do que havia sido proposto e uma real participação na condução e no desenvolvimento das aulas, cuja principal tarefa consistiu em fazer uma revisão do que haviam aprendido e posteriormente foi realizada uma atividade com a intenção de verificar o grau de compreensão do capítulo sobre a Europa no Século XIX, dando ênfase ao processo de industrialização, desenvolvimento, urbanização e aos movimentos sociais daquele período.

É importante frisar que apesar de boa parte dos alunos mostrarem-se receptivos e participativos nas aulas, alguns alunos não demonstraram o mínimo interesse pela aula, não prestavam atenção, não respondiam aos exercícios e ficavam falando ao celular.

Terminadas as duas primeiras aulas, partimos para a próxima sala, onde daria o terceiro e quarto horários, na turma do oitavo E; novamente duas aulas sobre a Europa no Século XIX, como foi dito, o objetivo era mais promover uma revisão do que aplicar um novo tema, muito embora na proposta constasse além dessa revisão um aprofundamento do capítulo, enfocando os aspectos da unificação italiana e alemã. No entanto devido a alguns acontecimentos, tais como: a turma em certo ponto não demonstrava interesse em um assunto novo, alguns se recusavam a copiar do quadro, alegando que já estavam cansados. Quando chegou à metade da segunda aula, no quarto horário, a maioria já pedia para o encerramento da aula que eles queriam ir embora. Além do que, nessa turma a professora não acompanhou todo o processo de desenvolvimento do estágio, deixando a sala a partir do quarto horário e isso por mais benéfico que seja como uma experiência em lidar “sozinho” com uma turma desse porte, gerou de certa forma uma intranquilidade, pois, naturalmente o respeito por um estagiário é bem menor, cuja autoridade perante a turma é mínima, comparada à professora titular.

Diante disso, percebemos que o assunto não foi estimulante para os alunos, tendo em vista que estava fora do cotidiano deles, como também estavam ansiosos, porque após nossa aula não haveria mais aulas. Acreditamos que deveríamos ter trabalhado o conteúdo de algum modo que vinculasse à realidade deles, o que não foi possível, talvez devido a nossa pouca experiência em sala de aula e ao limitado tempo de convivência com a classe.

Esta experiência nos demonstrou várias coisas importantes para nos atentarmos. Que, por exemplo, a experiência de estágio, embora bem intencionada, muitas vezes esbarra na estrutura e andamento da escola, pois, as turmas não são do estagiário, uma vez que estamos em um ambiente pouco conhecido por um curto espaço de tempo, não tendo muito controle sobre o planejamento e andamento dos alunos em sala; Estamos sujeitos a muitos imprevistos, o que, muitas vezes, nos limitam a experiência e nos impedem a tentativa de uma relação teoria e prática. Assim, embora nossa preocupação fosse construir um conhecimento significativo com os alunos daquelas salas, isto não se revelou muito efetivo, como visto acima.

Contribuição e reflexão sobre o Estágio Supervisionado

Sabemos que o Estágio Supervisionado é uma condição estabelecida pela LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação) na Lei 9394/96, sendo um elemento norteador, que tem por objetivo garantir a boa formação acadêmica dos futuros profissionais em educação.

Os trabalhos de oficina e de regência consistem em etapas obrigatórias do estágio nas quais os estudantes universitários vão à escola no intuito de construir um projeto e de lecionar por um determinado período e assim buscar junto com o professor titular e os alunos promover e incentivar o ensino-aprendizagem numa prerrogativa de integração entre a universidade, escola e comunidade, também como preparativo para carreira profissional dos graduandos da Universidade que estão prestes a ingressar na carreira docente.

Buscamos, dessa maneira, uma correlação entre os entes envolvidos nesse processo, para que assim a relação construída nesse espaço fosse sadia e que prosperasse de uma forma onde quem ensina e quem aprende pudessem beneficiar-se dessa parceria, para o bom desenvolvimento e funcionamento do processo educacional. Porém, nem sempre é possível, mas se torna da mesma maneira importante, pois os limites e empecilhos nos fizeram refletir sobre as condições de ensino nas escolas. Aquilo que não “deu certo” mostra-se como oportunidade de aprendizado, como aconteceu conosco, principalmente no que tange à Regência.

Portanto, o estágio é um elemento indispensável na medida em que pretende estabelecer e promover um diálogo entre teoria e prática – mesmo que na reflexão sobre - no processo educativo e quebrar com a dicotomia de que teoria e prática não se relacionam, como também quebrar com o estigma de que é apenas um emaranhado de fichas, observação e reprodução do que se observa do professor regente em sala de aula, servindo assim apenas como um dispositivo para a aprovação da grade curricular.

É preciso que o estagiário fuja desse modelo curricular, onde o estágio acaba por transformar-se em uma espécie de camisa de força na qual o graduando permanece aprisionado a esse modelo, onde “O estágio então, nessa perspectiva, reduz-se a observar os professores em sala de aula e imitar esses modelos, sem proceder a uma análise crítica fundamental teoricamente e legitimada na realidade social em que o ensino se processa.” (PIMENTA E LIMA, 2011. p. 61).

Foi com esse objetivo central, através dos relatos vividos nas experiências das oficinas

e da regência, que procuramos apontar elementos que quebram, ou deveriam quebrar, com esse estigma de reprodução de modelos consagrados tradicionalmente, como também elementos que reforçam a ideia de estágio como algo a ser observado e conseqüentemente reproduzido posteriormente sem a mínima reflexão e criticidade.

Flávia Eloisa Caimi no artigo *Por que os alunos (não) aprendem História*, constata que:

os professores, de um lado, reclamam de alunos passivos para o conhecimento, sem curiosidade, sem interesse, desatentos, que desafiam sua autoridade [...] os alunos, de outro lado, reivindicam um ensino mais significativo, articulado com sua experiência cotidiana, um professor “legal”, “amigo”, menos autoritário, que lhes exija menos esforço de memorização e que faça da aula um momento agradável. (CAIMI, 2006. p. 18)

Partindo dessa constatação, é que observamos no estágio a oportunidade de refletir sobre a prática do ensino, pois é nele que encontramos mais uma oportunidade de aprendermos, fazendo e experimentando, tendo sempre em foco a aprendizagens dos alunos. Sendo assim o estágio deixa-nos a consciência de que é sempre necessário atentarmos para a realidade em que estamos inseridos, senão, acabamos por repetir uma lógica comum em sala de aula, que consiste em não levar em conta os conhecimentos e as aprendizagens dos alunos e apenas reproduzir um conhecimento que por vezes não tem significado para eles.

Salientamos que os ensinamentos e aprendizados adquiridos no Estágio Supervisionado habituaram-nos ao convívio em sala de aula, como também permitiu-nos a percepção da realidade escolar e do próprio ensino educacional como um todo, sendo que é nesse espaço que devemos sempre manter um olhar crítico e reflexivo sobre a nossa prática educacional.

Levamos na bagagem esta experiência, aprendida durante toda a vivência no estágio, que nos mostra que é preciso não nos acomodarmos, de que é necessário muito esforço para mudarmos uma situação rotineira de sempre está repetindo os mesmos procedimentos, é preciso muito engajamento, muita dedicação, esforço e vontade de quereremos mudanças, senão torna-se inviável atuarmos como professor em sala de aula.

Cito como exemplo durante o período do estágio, que a professora regente não deu o devido suporte em sala de aula, pois quando estava lecionando ela saiu de sala deixando-nos sozinho com a turma. Muito embora sendo eu, naquele momento o responsável por ministrar o conteúdo, no entanto considero que ela como professora titular deveria acompanhar meu desenvolvimento em sala de aula com os alunos.

Acreditamos que com o acompanhamento da professora seria mais tranquilo lecionarmos, tendo em vista que como estagiário e sendo o primeiro contato com a turma já para dar aula fica uma relação de estranhamento e por vezes os estudantes acabam por não nos aceitarem e/ou nos respeitarem, tendo em vista que a ausência da professora proporciona para eles um certo ar de liberdade.

No entanto, vale ressaltar o que dizem os professores Elison Paim e Sandra Agostini no artigo *Estágio: contribuição para a formação do professor de história*, que:

Em suma, o estágio é um centro de questionamento por parte dos licenciandos e também pelos professores das escolas públicas, que nem sempre estão dispostos a ceder uma turma de alunos ao estagiário, mas apesar de todos os obstáculos cabe a nós continuarmos lutando para que sejam encontrados caminhos que levem a prática de ensino ou estágio supervisionado e superar as deficiências apresentadas para dimensões mais produtivas. (AGOSTINI & PAIM, 2006. p. 200)

Ao chegar ao término da graduação em História, pela UEPB, percebemos que todos os esforços e sacrifícios foram válidos, pois estamos realizando mais uma etapa do nosso percurso na carreira educacional. Sendo assim, é possível estabelecer uma conexão entre tudo aquilo que passamos e tudo aquilo que estamos aprendendo.

As aulas, os textos, os debates na universidade, assim como o período de estágios: de oficina e da regência, serviram para o nosso amadurecimento e crescimento enquanto graduando que está prestes a se formar e seguir por um caminho, que como foi demonstrado em todo o decorrer do curso, é um caminho árduo, cheio de obstáculos, às vezes desestimulante, mas, o qual também pode proporcionar muito prazer, alegria, reconhecimento e satisfação, por isso este é um caminho que sempre acreditamos.

Diante dessa perspectiva, consideramos o estágio como um elemento norteador da prática docente, no sentido em que através da experiência adquirida nesse período, nas escolas, em sala de aula, que obtemos elementos e/ou ferramentas, onde poderemos, a partir desses momentos vividos, construirmos uma identidade que será necessária na prática cotidiana, além de ser um momento de aprendizado muito significativo por se tratar de uma fase de primeiro contato em prol de uma carreira profissional.

Considerações finais

Considerando tudo o que foi abordado, e tendo em vista os resultados alcançados, principalmente na importância do aprendizado adquirido, durante o período de estágio, vemos o quanto é relevante o papel do professor, como interlocutor do conhecimento e formador de cidadãos, e de todo o ambiente escolar na busca de construirmos uma educação de qualidade.

Destacamos que o aprendizado adquirido, durante os estágios, onde notamos em sala de aula como o conhecimento é construído, ou não, entre professor e aluno, e mesmo, entre aluno e aluno, nos mostrou que devemos sempre ter um olhar atento para os obstáculos e encará-los como algo que precisamos superar e não como um entrave definitivo para a educação.

Dessa maneira, procuramos facilitar as aprendizagens dos alunos, tanto na utilização de novos métodos em sala, que possibilitassem um melhor entendimento do assunto – mesmo que nem sempre com sucesso - como em escutar e discutir com os alunos o seus conhecimentos e aproveitá-los como forma de incentivá-los e fazer da aula algo prazeroso e não como uma simples obrigação, onde o aluno na maioria das vezes está presente, mas, ao mesmo tempo ausente. Pois, entendemos que o conhecimento não deve ser ensinado e passado como algo burocrático e através dos mesmos métodos, é preciso respeitar as especificidades de cada um, assim como procurarmos fazer de cada aula um momento único e que cada aluno tenha o desejo de aguardar pela próxima aula.

Gostaríamos de enfatizar de como é satisfatório concluir esse projeto, que foi feito com muito entusiasmo e dedicação, fruto de muito empenho. Esperamos dessa forma, contribuir para a discussão desse tema que é tão importante para a academia, principalmente para as licenciaturas.

Por fim, esperamos colocar sempre todo esse aprendizado em prática, de sermos atuante e reflexivo, de trabalharmos com novas metodologias, de repensarmos o espaço escolar, para que sejamos capazes de intervirmos e promovermos uma educação de qualidade voltada para a formação de pessoas conscientes e atuantes na sociedade.

REFERÊNCIAS

AGOSTINI, Sandra; PAIM, Elison Antonio. **Estágio: Contribuição para a formação do professor de História**. Londrina: FAPE; v. 12, p. 187-202, ago. 2006.

Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/histensino/article/view/11738/10389>

Acesso em: 10/06/2014

CAIMI, Flávia Eloisa. **Por que os alunos (não) aprendem História? Reflexões sobre ensino, aprendizagem e formação de professores de História**. Tempo [online]. 2006. v. 11, n. 21, p. 17-32.

Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tem/v11n21/v11n21a03>

Acesso em: 10/06/2014

COTRIM, Gilberto & RODRIGUES, Jaime. Saber e Fazer História – 7º ano. São Paulo: Saraiva, 2011.

IGLÉSIAS, Francisco. **Revolução industrial**. 11. ed. São Paulo: Brasiliense, 1992. (Tudo é história; 11).

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições**. 11 ed. São Paulo: Cortez, 2006.

MENDONÇA, Sonia Regina de. **História do Brasil recente 1964-1980**. São Paulo: Ática, 1988. (Princípios; 152).

NUNES, Mariângela de Vasconcelos; TERUYA, Marisa Tayra. **Interface dos Saberes, formação docente e diversidade cultural**. In: V Semana de Humanidades. Guarabira, 2010.

VICENTINO, Cláudio. **História - 8º ano**. São Paulo: Scipione, 2009. (Coleção: Projeto Radix).

VIEIRA, Evaldo. **A república brasileira: 1964 - 1984**. São Paulo: Moderna, 1985. (Coleção Polêmica).

Sites:

<http://guiadoestudante.abril.com.br/blogs/atualidades-vestibular/relembre-manifestacoes-populares-que-marcaram-a-historia-do-brasil/>

acesso em: 05/05/2014

<http://espacoacademico.wordpress.com/2013/06/25/a-respeito-das-manifestacoes-ocorridas-no-brasil-movimentos-sociais-baseados-em-rede-ou-o-que-diz-a-voz-do-povo/>
acesso em: 05/05/2014

<http://educacao.uol.com.br/disciplinas/historia-brasil/ditadura-militar-1-quadro-apresenta-principais-fatos-entre-1964-e-1985.htm>
acesso em: 05/05/2014

APÊNDICE

Alguns trabalhos produzidos durante a oficina realizada no C. E. Raul de Freitas Mousinho, com alunos do 7º ano. (arquivo do autor)

